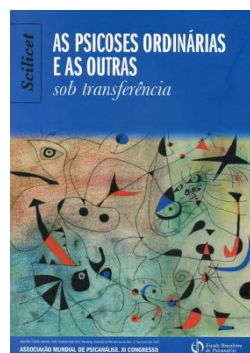


Clínica Borromeana[♦]

Marcus André Vieira



[Clique para ampliar](#)

A psicanálise visa uma singularidade a tal ponto radical que escapa a toda apreensão universal. Sua prática é habitada por este paradoxo: na medida em que é clínica, precisa de categorias, mas orienta-se por um real que as dissolve. Precisa de um *savoir-faire* geral, mas só lhe serve um saber de improviso, um “se virar” em cada situação, *savoir-y-faire*. “Clínica Borromeana” é a expressão cunhada por J. A. Miller para resumir o modo como esse paradoxo se torna operatório a partir das indicações de Lacan em seu último ensino com relação ao nó borromeano.¹

Tendemos a pensar uma relação a dois como mediada por um elo comum. Segundo a crença que funda a estrutura neurótica, esse elemento terceiro seria o Pai, depositário do segredo da relação, sempre além. No nó borromeano de três elementos, porém, dois aros nada têm entre si, o terceiro nunca é o elo comum entre eles. Como se mantêm unidos? Ao modo da trança, na qual nenhum fio está “acasalado” com outro. É a sequência dos atravessamentos que os mantêm unidos, o que define, segundo Lacan, a “propriedade borromeana” do nó. Sejam quantos forem os componentes de uma trança, caso qualquer um deles se vá, liberam-se todos os outros, ou seja, nenhum dos fios tem algo em comum com outro. O Nó borromeano é o paradoxo de uma relação onde não há relação.²

Lacan introduz ainda uma variação topológica fundamental. Graças à presença de um quarto elo, o nó ganha a possibilidade de discernir seus elementos entre si. O nó a três não distingue qual dos aros é R, qual é S e qual é I. Eles são intercambiáveis, por isso sempre que o representamos é preciso acrescentar letras ou simplesmente cores, que funcionam como um quarto elemento oculto. Com o quarto elo, desde que o nó se mantenha borromeano, os aros se distinguem, pois cada um ocupa uma posição diferente no enlace entre eles.

Essa investigação tenaz com relação aos nós de três e de quatro elementos é o pano de fundo topológico da presença de James Joyce no seminário, *O sinthoma*.³ Duas

[♦] Redigido para o volume preparatório do XI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Barcelona, Abril, 2018, publicado em *As psicoses ordinárias e as outras – sob transferência*, São Paulo, EBP, 2018, (ISBN: 978-85-63061-09-6).

¹ Lacan J., *O seminário, livro XXII, R.S.I.*, lição de 17 de dezembro 1974, in *Ornicar?*, nº 2, março de 1975, p. 98-105; Miller J. A., “O último ensino de Lacan”, *Opção lacaniana*, São Paulo, Eolia, nº 35, janeiro 2003, p. 6-24 e Miller J. A., *Los signos del goce*, Buenos Aires, Paidós, 1998, p. 290.

² Lacan, J., *O seminário, livro XXIII, O sinthoma*, Rio de Janeiro, J. Zahar, 2007, p. 36 e Miller J. A., “A ex-sistência”, *Opção lacaniana*, São Paulo, Eolia, nº 33, junho 2002, p. 8-21.

³ Lacan J., *ibid.*, p. 12 e 18 e Skriabine P., “Nó”, *Opção lacaniana*, São Paulo, Eolia, nº 50, dezembro 2007.

leituras desta investigação são possíveis. A primeira propõe que *no caso de Joyce* teria sido preciso um quarto elo para articular RSI, pois, por uma falha no simbólico, o enlace borromeano a três seria impraticável. A escrita teria sido o artifício singular de Joyce, nomeado por Lacan *sinthoma*, para constituir seu nó subjetivo, não borromeano. A psicose seria, então, um acidente de percurso, um déficit na normalidade borromeana, neurótica.

J. A. Miller propõe outra leitura, a de considerarmos que sempre há falha do nó a três, sempre requerendo um quarto elemento, para reestabelecer a trama. O paradigma da estruturação subjetiva, tanto na psicose quanto na neurose, será um nó de quatro, borromeano ou não. No caso da estrutura neurótica apenas este quarto elo seria o Nome-do-pai, tese maior da *Conversação de Archachon*, que poderia ser denominada de teoria do *sinthoma* generalizado.⁴

O *sinthoma* agora, não mais patologia, será tomado como ponto de conexão e laço por realizar o paradoxo da presença de um gozo singular, autista, que, no entanto, se traça pela incidência contingente do Outro da linguagem sobre o corpo vivo.

A “clínica borromeana”, realiza esse paradoxo, o da clínica psicanalítica referido no início, não pela dissolução de suas categorias, como se apenas pusesse o múltiplo do *sinthoma* no lugar do conjunto de categorias anteriores, e sim porque ela aposta no *sinthoma* como inscrição, para cada um, deste paradoxo.

Só há na “clínica borromeana”, portanto, um diagnóstico: “Todo mundo é louco, isto é, delirante”. De tão generalizado, deixa de ser diagnóstico, passa a postulado de base: a cada um seu *sinthoma* e suas diversas maneiras de operar como conector com a realidade compartilhada, o essencial da orientação clínica é o *savoir-y-faire* com ele.⁵

Ainda assim diremos *clínica* pelas possibilidade operatórias que o nó abre ao psicanalista. Ele não é, segundo Lacan, um “modelo” de uma situação dada, não nos oferece uma analogia ou correspondência formal com ela, é “feito para ser manipulado”, manipulação em que verificam-se impossibilidades e possibilidades, levando-nos a experimentar uma realidade em vez de figurá-la.⁶

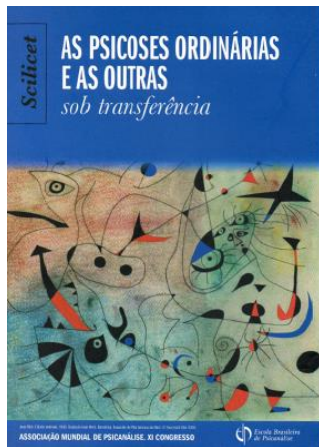
É preciso contar com as categorias da clínica estrutural, mas ao mesmo tempo alcançá-las e deixá-las para trás. Assim entendo o que buscava situar J. A. Miller quando propunha a expressão “clínica irônica”: que possamos nos servir das categorias de que dispomos com o tempero da ironia. “A escolha é uma escolha forçada: ou bem nossa clínica será irônica, isto é, fundada sobre a inexistência do Outro como defesa contra o real, ou bem será apenas uma cópia pouco criativa da clínica psiquiátrica”.⁷

⁴ Miller J. A., “Clínica irônica”, *Matemas*, Rio de Janeiro, J. Zahar, 1996, p. 190-200; Miller J. A., *La conversation d’Archachon*, Paris, Seuil, 1998; Miller J. A., “Lo real y el sentido”, *El Otro que no existe y sus comités de ética*, Buenos Aires, Paidós, 2006. p. 99-124. e Gueguen P. G., “La homestatie symptomatique dans les psychoses”, *La lettre mensuelle*, Paris, ECF, nº 211, setembro 2002, p. 8-14.

⁵ Miller J.-A. *Todo el mundo es loco*, Buenos Aires, Paidós, 2015, p. 315 e Lacan J., “Transferência em Saint Denis?”, in *Ornicar?*, nº 17-18, 1979, p. 278.

⁶ Lacan J., *O seminário, livro XXII, R.S.I.*, lição de 17 de dezembro 1974, in *Ornicar?*, nº 2, 1975.

⁷ Miller J. A., “Clínica irônica”, op. cit.



Cantor – Marco Focchi (SLP)	80	Esquizofrenia – Sérgio de Campos (EBP)	166
Causalidade – Mario Goldenberg (EOL)	83	Estabilizações – Alexandre Stevens (ECF)	169
Certeza – Anne Béraud (NLS)	86	Estádio do espelho – Paloma Larena (ELP)	172
Cerzimento – Sophie Gayani (ECF)	89	Externalidades – Guillermo A. Belaga (EOL)	175
Civilização – Beatrix Udenio (EOL)	92	F	
Clinica horromocana – Marcus André Vieira (EBP)	95	Fantasia – Sílvia Baudini (EOL)	179
Clinica estrutural – Domenico Cosenza (SLP)	98	Fenômenos de gozo – Araceli Fuentes (ELP)	182
Corpo (fazer-se um) – Santiago Castellanos (ELP)	101	Fenômenos Elementares – Pierre Sifon (ECF)	185
Creança – Antonio Di Ciacchi (ECF)	104	Foraclusão generalizada – Marcelo Heras (EBP)	188
Criação – Laure Naveau (ECF)	107	Foraclusão do Nome-do-Pai – Jacques Ruff (ECF)	191
D		Furo – Esthela Solano Suárez (ECF)	194
Debilidade – Alicia Arenas (NEL)	111	G	
Delírio – Bertrand Lahatte (ECF)	114	Grampo (Agrafe) – Daniel Millas (EOL)	197
Desabonado – Antônio Beneti (EBP)	117	H	
Descontinuidade-continuidade – Jean-Daniel Matet (ECF)	120	Habeas corpus – Antoni Vicens (ELP)	201
Desencadeamento e neo-desencadeamento – Jean-Robert Rabanal (ECF)	123	Heresia – Maria Josefina Sosa Fuentes (EBP)	204
Desordem – Hélène Bonnaud (ECF)	126	Homem dos Lobos – Eliza Alvarenga (EBP)	207
Diagnóstico – Jean-Pierre Deffieux (ECF)	129	I	
Direção (do tratamento) – Dominique Holvoet (ECF)	132	Ideal materno – Ana Lydia Santiago (EBP)	211
Discurso (fora) – Marie-José Anouak (ECF)	135	Identificação – Damasia Amadeo de Freda (EOL)	214
Dor de existir – Claudia Lázaro (EOL)	138	Inconsciente – Maria Hortensia Cárdenas (NEL)	217
E		Infinito – Leonardo Gorostiza (EOL)	220
Ego – Sérgio Laia (EBP)	141	Interpretação – Mauricio Torralba (EOL)	223
Elisão do falo – Marcelo Marotta (EOL)	144	Intrusão – Jorge Chamorro (EOL, EBP)	226
Empuxo (À mulher) – Mónica Torres (EOL)	147	Invenção – Daniel Roy (ECF)	229
Enigma (experiência enigmática) – Sonia Chiariaco (EOL)	150	L	
Emancipação – Pierre Naveau (ECF, NLS)	153	Laço social – Raquel Cors Ulloa (NEL)	233
Escabelo: será S.K.? – Carole Devambrecht-La Sagna (ECF)	156	Lapso (do nó) – Yves-Claude Stavy (ECF)	236
Era democrática – Emilia Cece (SLP)	159		
Esquema R – Manuel Fernández Blanco (ELP)	163		

